

**EUTOMIA**  
Revista de Literatura e Linguística



ISSN 1982-6850

## Simone Homem de Mello<sup>i</sup>

### O que escapa ao mecanismo

Engrenagem, e ruído, o único  
gesto sonoro agora, o mecânico,

o de máquina do tempo, molduras  
circulares de girostatos em níquel,  
correias sem fim de fio de quartzo  
enroladas em três rodas denteadas,

et cetera,

do terreno ao lado, construção, tudo  
ressoa inércia, sólido atrito de metais,

mas o tempo, líquido animado  
por movimento retilíneo uniforme,  
seu visco o da consciência, matéria

esquiva, como o fugidio da fumaça,  
a que dissipa de chaminés de inverno,  
ainda carvão, um frio abaixo de zero e  
réstia entra, interiores se tingem sol,

algo penetra éter,  
algo luminoso.

**Noli me tangere, por Giotto  
(Cappella dell'Arena, Padua)**

Mãos a que algo escapa alcançam  
sem e de estigma, há a que afasta

Onde, ela ávida de onde e anjo  
aponta vazio, era nada, ela vaza

Em branco indica o anjo, e ela  
indaga corpo, ausente, o sente

Ressente, vermelho, tê-lo tido sem  
retê-lo, por rochedo se quer aberto

Tênuo o que entre, ocre, era terno e  
rochedo entre, até o toque era quase

Entre palmas nada, salvo o bálsamo,  
e além, fora de alcance, do linho algo

(Nem presentem sentinelas ao pé  
da pedra, só a si pegam, dormentes)

Só em cor a mão, a que afasta, acorda:  
mina estigma o que carmina em pregas

Do rochedo só o sépia, não o peso, leve  
o ermo a seu toque, serena ocre o relevo

Acorda em branco, o que foge à forma,  
só veste, envolto à cor de ambos, anjos:

Um aponta vazio, do outro a ponta da asa  
algo indicia, matéria sim, era algo terreno

Sobram os olhos aquém, só fica a vista,  
a trair a mão, estigma, no que ela afasta

Ensimesmado outro  
(em torno de objetos rituais oceânicos  
para iniciação masculina)

De tão intransitivo,  
cerra-o em si,  
ela  
o encerra - resta só,  
e ele, algo  
a se portar consigo,  
dentro.

Fez-se matriz masculina,  
a de ídolos da Oceania:

- corpo único, ambos e dois,  
ele osso, ela pele, ele envolto  
há que se exilar para abarcá-la

e exila-se membro, membros proliferam  
(em meandros cavam o curso do Sepik,  
rio-serpente, corpo-d'água, e roteiam o leite)

ainda sem gênero, o corpo  
se revolve só tentáculos,  
e estes regressam ao corpo,  
contornados ora órgãos,  
agora orifícios

infiltrado de si, o corpo  
avesso, alheio, revela-se víscera  
exposta e o tecido não se sabe  
dentro ou face fora,  
indeciso continente  
ora contido -

Iniciado agora é ele  
a comportá-la:  
e não é que ambos  
e dois  
ainda se buscam.

## Força da gravidade I

Sabia-se nuvem, eram nuvens e vedavam, de chumbo -  
E como chamar de, o peso sobre, como chamar de céu

Algo tênue, feito do que evaporou antes fluido, ancora sobre -  
Cinza, e da cinza o peso do incinerado, também restou a cor

Matéria pura, portanto, e não se move a ponto de forma, não -  
A ponto de letra, de onde súbito o impulso do que manuscreeve

Se não do que se precipita, chuva sucede chumbo, repentina -  
espanta do pássaro o traço, pássaro e letra, a escrita detona

E na escrita algo transita, coisa, pois avista a quem grafar -  
De um lado um, e do outro da rua uma o vê, a chuva molha

Entre, água precipita vítrea uma cortina entre, e tráfego entre -  
um: sob toldo busca nos bolsos, e uma: o vê e acena invista

## De uma fotografia anônima

De porcelana, e a pele, máscara em branco ri  
rente à face, e nesta sorriso menos, minguante.  
Posam modelo e máscara entre tecidos, vasos  
afilam ao fundo, da cerâmica abaula cada lustre.

Anônima. Jovem, peito descoberto, deitada segura  
máscara junto ao rosto, ela à mostra até a cintura.  
Prova sobre papel albuminado a partir de negativo  
de colódio úmido em chapa de vidro; cerca de 1870.

Seminua, só pele entre estampas e dobras, exposta  
ao tempo, até que a imagem, até o sorriso ceder em.  
Gravado entre dentes, porcelana, já o riso em branco,  
algo assombra, talvez por imune ao tempo, a sombra.

---

<sup>i</sup> **Simone HOMEM DE MELLO** é escritora e tradutora literária. Estudou Letras (Anglo-Germânicas e Latinas) na Universidade de São Paulo e fez mestrado em Literatura Alemã na Universidade de Colônia. Durante seu período de vida na Alemanha (nas cidades de Colônia e Berlim), de 1993 a 2010, trabalhou como autora, dramaturgista, libretista de ópera, tradutora e redatora. Seus mais recentes libretti foram escritos para as óperas *Orpheus Kristall* (música: Manfred Stahnke, Biennale für Neues Musiktheater, Munique, 2002), *Keine Stille außer der des Windes* (Nem Silêncio senão o do Vento, música: Sidney Corbett, Bremer Theater, 2007), *UBU* (música: Sidney Corbett, Musiktheater im Revier, Gelsenkirchen, 2012). Seus poemas em português estão reunidos nos livros *Périplos* (São Paulo, Ateliê Editorial, 2005) e *Extravio Marinho* (São Paulo, Ateliê Editorial, 2010) e em antologias de poesia brasileira contemporânea, entre as quais *Antologia de Poesia Brasileira do Início do Terceiro Milênio* (org. Claudio Daniel; Lisboa, 2008); *Tigertail, A South Florida Poetry Annual - Brazil Issue* (org. Horácio Costa e Charles A. Perrone; Miami, 2008) e *Roteiro da Poesia Brasileira - Anos 2000* (org. Marco Lucchesi; São Paulo, 2009) e *Poesia Prévia* (org. André Dick, São Paulo, no prelo). Como tradutora tem se dedicado especialmente à poesia moderna e contemporânea e à obra do escritor austríaco Peter Handke. Atualmente, também trabalha como coordenadora de projetos do Centro de Estudos de Tradução Literária da Casa Guilherme de Almeida, em São Paulo.